

O MUSEU MARÍTIMO DE SESIMBRA: ARTE, MEMÓRIA E TRADIÇÃO. UM PROJECTO MUSEOLÓGICO PARA O SÉCULO XXI

Andreia Filipa Conceição¹ e João Pedro Rodrigues Ventura² (museu@cm-sesimbra.pt)

¹ Licenciada em Arqueologia e História, mestranda em Histórica da Náutica e Arqueologia Naval, Técnico Superior, no Museu Municipal de Sesimbra; ² Licenciado em História, pós graduado em Gestão do Património, Técnico Superior, no Museu Municipal de Sesimbra.

RESUMO

No plano da sua missão e objetivos, o Museu Marítimo de Sesimbra, inaugurado a 31 de maio de 2016, integra-se na estrutura do Museu Municipal de Sesimbra e visa contribuir qualitativamente para o desenvolvimento cultural, económico e social da comunidade em que se insere.

Enquanto projeto cultural, esta nova realidade museológica estruturou-se em torno do envolvimento da comunidade e da abordagem patrimonial e museológica de novos espaços e das coleções afetas ao acervo municipal, que passaram a fazer parte de um plano integrado de valorização e difusão da cultura marítima e piscatória de Sesimbra

Palavras-chave: Valorização municipal; Cultura; Tradição piscatória.

The Maritime Museum of Sesimbra: art, memory and tradition. A museological project for the 21st century

ABSTRACT

Sesimbra Maritime Museum, inaugurated on May 31st 2016, is part of Sesimbra Municipal Museum and aims to contribute qualitatively to the cultural, economic and social development of the local community.

As a cultural project, this new museum was structured with the involvement of the local inhabitants and with a different approach on the use and on the means of displaying the native maritime heritage. Specific areas had a precise museographic handling, allowing the fusion of different assemblages belonging to the Sesimbra Municipal Museum collection, which become part of an integrated plan for the valorization and diffusion of the maritime culture and Sesimbra fishing community.

Keywords: Municipal valorization; Culture; Fishing tradition.

AS BASES DO PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO DO MUSEU MUNICIPAL DE SESIMBRA

Decorrente da necessidade do estabelecimento dos princípios estruturantes de uma nova realidade museal polinucleada a Câmara Municipal de Sesimbra promoveu, entre 1998 e 1999, a elaboração de uma proposta de desenvolvimento do Museu Municipal de Sesimbra¹, que veio a ser aprovada na reunião de Câmara de 19 de Setembro de 1999.

¹ Este programa assenta fundamentalmente em princípios genéricos de implementação de uma estrutura polinucleada, abrangendo a realidade patrimonial (cultural / natural) de maior relevância integrada no território do concelho de Sesimbra.

Com efeito, a realidade museológica em Sesimbra desenvolvida nos últimos 20 anos, a par de intervenções estruturantes no plano da reabilitação patrimonial², justificou o reforço e a assimilação da própria missão do museu. Seguindo o modelo das entidades museológicas polinucleadas, sustentado no binómio território/população, a instalação dos novos núcleos foi entendida à luz da compreensão dos modos de enraizamento e formas de inter-relacionamento entre as diferentes unidades territoriais.

Tendo como fundamento as especificidades

² Neste ponto referimo-nos fundamentalmente às intervenções gerais de beneficiação no Castelo de Sesimbra, Capela do Espírito Santo dos Mareantes, Moagem de Sampaio, Jazida de Icnofósseis da Pedreira do Avelino e Fortaleza de Santiago.

históricas, culturais e naturais da região de Sesimbra e respectiva demarcação temática e territorial das unidades museológicas, deparamo-nos com uma realidade pautada por uma heterogeneidade de perfis. Neste pressuposto, o inter-relacionamento dos núcleos museológicos implicou uma compreensão individualizada de todos os factores (culturais e naturais) que qualificam e simultaneamente que condicionam a estruturação da natureza e coesão do Museu Municipal de Sesimbra (Figura 1).



Figura 1. Perspectiva da Fortaleza de Santiago, Sesimbra, que após as obras gerais de reabilitação passou a integrar os núcleos museológicos (CMS).

No ano de 2014, o Museu Municipal de Sesimbra passou a integrar a Rede Portuguesa de Museus, consumando desta forma um longo processo de convergência com as boas práticas no domínio do cumprimento das funções museológicas, promoção e partilha de conhecimento, serviços e recursos.

BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROJECTO DO MUSEU MARÍTIMO DE SESIMBRA

Percorrendo a história do Museu Municipal de Sesimbra, assinala-se o ano de 1987, data da abertura de um novo núcleo museológico, que se juntou às exposições de arqueologia e arte sacra em local distinto. Este núcleo, então designado *Museu do Mar*, de perfil etnográfico-marítimo teve, muito sucintamente, os seguintes antecedentes: a exposição *Sesimbra e o Mar* em 1981, que constituiu a base material (oferta de objectos ligados às artes de pesca

e faina marítima - Figura 2), para além dos objectos que ao longo dos anos veio a incorporar (acervo ligado à temática marítima e piscatória, proveniente de doações e recolhas) e o *Festival do Mar*, em 1986, que impulsionou a recolha de tradições e que sensibilizou para uma mais alargada mostra e caracterização das artes de pesca em Sesimbra e suas gentes.



Figura 2. Doação de agulha de marear ao Museu Municipal de Sesimbra (CMS).

Num segundo momento, a elaboração e aprovação da proposta de desenvolvimento do Museu Municipal, no ano de 1998, lançou as bases para a dinamização de diversos projectos com o objectivo de garantir a participação e envolvimento dos públicos, nomeadamente da comunidade local, na transmissão de conhecimentos, experiências e memórias. Com este propósito de partilha e recolha documental, os projectos *Sesimbra, Memória e Identidade* – Figura 3 – (2008-2016) e *Conversas na Capela* (2005-2012) contribuíram decisivamente para vincar os objectivos, aferir as boas práticas e apresentar a estratégia a seguir na elaboração do programa do futuro Museu Marítimo de Sesimbra.

A par dos projectos de continuidade, organizaram-se seminários sobre património e cultura marítima, visitas guiadas aos locais de trabalho (estaleiros, doca, embarcações de pesca, praça de venda do peixe, lojas de companhia (armazéns de pesca), oficinas de carpintaria, etc.), exposições temporárias e projectos editoriais

municipais.

Entre os anos de 2005 e 2016, o Museu Municipal de Sesimbra implementou uma política de incorporações, sustentada por campanhas de proximidade com a comunidade e capacidade de resposta ao nível do processamento do respectivo inventário, documentação e reorganização das áreas técnicas destinadas ao acondicionamento, gestão e conservação das coleções.



Figura 3. Iniciativa no estaleiro do mestre Acácio Farinha integrada no projecto Sesimbra Memória e Identidade (CMS).

Foi neste contexto que, a partir do ano de 2014, no âmbito da sua missão e competências, a Divisão de Cultura e Bibliotecas/Museu Municipal desenvolveu o *programa de valorização do património piscatório de Sesimbra - instalação do Museu Marítimo e suas componentes*. Este processo culminou no dia 31 de maio de 2016, com a inauguração do Museu Marítimo de Sesimbra, nas instalações da Fortaleza de Santiago (cf. Figura 1).

O MUSEU MARÍTIMO DE SESIMBRA

O programa museológico municipal ao integrar o Museu Marítimo de Sesimbra³, contribuiu decisivamente para o desenvolvimento de um plano de sistematização do conhecimento associado ao ciclo da pesca local, assumindo-se como intermediário dinâmico e actual no processo de valorização cultural e social das actividades marítimas.

³ O Museu Marítimo de Sesimbra instalado na Fortaleza de Santiago foi inaugurado no dia 31 de maio de 2016.

A actual exposição permanente, alicerçada na apresentação da vocação marítima de Sesimbra, estruturou-se em torno da apresentação dos grandes temas, com o apoio imprescindível da comunidade piscatória local, assente numa dinâmica cultural que valoriza e promove novas vias de interactividade e aposta em núcleos e extensões museológicas visitáveis, numa perspectiva integrada e estruturada. Mediante esta perspectiva temática modular, decorrente da necessidade de encontrar um equilíbrio na abordagem aos espaços e valências da Fortaleza de Santiago⁴, o projecto museográfico procurou sintetizar as orientações do programa museológico.



Figura 4. Módulo associado ao tema da construção naval, Museu Marítimo de Sesimbra (CMS).

O acervo afecto ao Museu Municipal de Sesimbra, fruto das incorporações efectuadas ao longo das últimas quatro décadas, associado aos novos dados e elementos resultantes dos trabalhos de investigação, com o envolvimento da comunidade, arquivos, museus, bibliotecas e universidades, resultou na selecção que hoje constitui a exposição permanente: objectos associados à actividade piscatória e restantes actividades complementares (Figura 4); objectos associados às devoções e tradições da comunidade sesimbrense; maquetas e modelos (artes de pesca e

⁴ A Fortaleza de Santiago, estrutura militar seiscentista classificada como Imóvel de Interesse Público, apresenta-se actualmente como um equipamento cultural de referência em Sesimbra. A sua centralidade na faixa meridional da baía de Sesimbra e a ampla intervenção de reabilitação levada a cabo pela Câmara Municipal a partir de finais de 2010 possibilitaram a abertura deste monumento ao público.

embarcações); filmes; fotografias; plantas e mapas; equipamentos multimédia interactivos (bases de dados); artefactos arqueológicos; documentação; espécimes naturais.

Com base na transversalidade narrativa da caracterização da comunidade piscatória e das artes de pesca, a exposição permanente do Museu Marítimo de Sesimbra estrutura-se em torno dos seguintes temas:

- **Mar Antigo** – as evidências arqueológicas dos povos que, desde o calcolítico ao século XII, marcaram a sua presença na região de Sesimbra;
- **Arte** – as artes de pesca de Sesimbra e indústria conserveira;
- **Construção naval e embarcações de Sesimbra; Memória e devoção** – as devoções marítimas de Sesimbra e equipamento multimédia interactivo de acesso a base de dados de todos os marítimos e embarcações matriculadas de Sesimbra e naufrágios (Figuras 5 e 6);

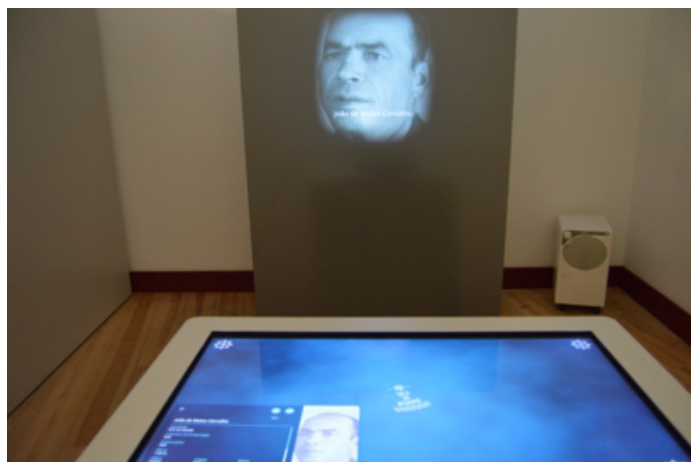


Figura 5. Sala da Memória e mesa de acesso às bases de dados dos marítimos e embarcações de Sesimbra e naufrágios, Museu marítimo de Sesimbra (CMS).

- **Viagem** – caracterização da arte de navegar em Sesimbra; equipamento multimédia interactivo com mapa associado representação dos pesqueiros e rotas marítimas;
- **Sala da Comunidade** – espaço destinado a acolher e expor as doações da comunidade. Pretende-se valorizar a biografia do doador/ utilizador do objecto e a própria contextualização dos objectos;

- **Parque Marinho Professor Luiz Saldanha** – espaço centrado num painel multimédia e interpretativo/ interactivo com as espécies mais representativas do parque marinho e apresentação dos limites e áreas de protecção;
- **História da Fortaleza de Santiago; Carlos de Bragança O Rei Pescador** – apresentação das campanhas oceanográficas do rei D. Carlos de Bragança e sua proximidade com o mar e comunidade piscatória de Sesimbra;
- **Filme Desde o Início** – filme multimédia 3D com apresentação da formação do território de Sesimbra (200 Ma) e as principais evidências geológicas (monumentos naturais, jazidas e sítios); a evolução da ocupação humana desde o calcolítico; aspectos da vida da comunidade marítima e piscatória.



Figura 6. Ficha de marítimo na base de dados da Mesa da Memória, Museu marítimo de Sesimbra (CMS).

A Sala da Arte: Uma breve descrição

Sesimbra é terra de pescadores. As condições favoráveis da baía favoreceram o desenvolvimento de uma intensa actividade ligada ao mar e à pesca, arte habilmente aperfeiçoada ao longo dos séculos.

É no Foral de 1201 que surge primeira referência escrita à captura de pescado na região, nomeadamente a taxa a pagar pelo mesmo, a qual seria de *1 soldo*⁵. A abundância de cardumes nas águas sesimbrenses durante a Idade Média seria tanta que, em 1247, navios estrangeiros viriam pescar nestas águas⁶. A partir do reinado de D. Dinis, com a introdução das “almadravas atuneiras”, e, em finais do século XV, dos

⁵ CHORÃO, 2001, p. 30

⁶ PEDROSA, 1985, p. 39

“acedares da sardinha”, a indústria da pesca sofreu um amplo desenvolvimento, quer ao nível do volume de pescado, quer ao nível dos seus dividendos, considerando o estabelecimento de lucrativas redes comerciais em torno da mesma.

Durante os séculos seguintes, a capacidade de inovação e adaptação dos pescadores sesimbrenses elevou a vila à condição de um dos mais importantes portos piscatórios do país, proeminência que subsistiu até aos nossos dias.

Este importante legado levou a que, das inúmeras artes de pesca documentadas, em Sesimbra, ao longo dos tempos, fossem, pela sua estreita ligação à comunidade, incluídas, somente, as dez mais emblemáticas, praticadas ao longo do século XX, as quais iremos, em seguida, descrever.

A Arte da Chinha ou Arte do Caneiro (Xávega)

Documentada em Sesimbra pela primeira vez no ano de 1462, a “chinha” ou “arte do caneiro” consiste essencialmente no método de pescar com uma rede de arrasto para a praia, a qual termina em forma de saco, com o objectivo de reter o peixe capturado. A sua designação deriva do latim: *cinctula* – *cinctum* – *cingere*, que significa envolver ou cingir e compõe-se de três partes distintas: as “mangas” ou “alares”, as cordas e o “saco”. Contrariamente a outros pontos do país, a “chinha” continua a manter algumas das suas características originais: ser puxada com recurso a força braçal e aceitar a participação de quem quiser ajudar, o que lhe confere um cariz comunitário. Como recompensa pelo seu esforço, todos têm direito a uma parte do peixe, o centenário “quinhão”.

A Arte da Armação de Copo à Valenciana

Referenciada pela primeira vez na região de Sesimbra em 1866, a “armação de copo à valenciana” consiste num complexo sistema de redes de diversas malhas, fixas num local de zona costeira, destinadas à captura de grandes volumes de pescado, sobretudo de sardinha e carapau. Instaladas durante os meses da primavera e do verão em zonas abrigadas da costa, os “calhaus”, eram compostas por duas armações: a grande e a “rabeira”, de dimensões diversas e colocadas uma no prolongamento da outra. Uma vez instalada a armação, todos os dias, de manhã e ao entardecer, procede-se ao “levantar” das redes do “copo”. Para

tal tarefa são necessários trinta a quarenta homens, distribuídos pelas embarcações rebocadas até ao local por uma barca motorizada.

No ano de 1895, Sesimbra possuía vinte e duas armações, as quais abasteciam maioritariamente a indústria conserveira, empregando cada arte cerca de meia centena de homens. A concorrência do cerco americano e a escassez de cardumes na costa fizeram com que este tipo de pesca fosse completamente extinto na década de 60 do século XX, quando a *Varanda* foi ao mar pela última vez.

A Arte da Sacada

A “sacada” é uma arte composta por uma rede forma quadrangular, montada em varas de madeira com cerca de 4 metros de comprimento. Esta arte popularizou-se em Sesimbra na viragem para o século XX e terá sido trazida de Peniche. Direccionada para a captura de espécies como a boga ou o carapau, era feita com recurso a dois botes, transportando cada um duas varas com quatro metros de comprimento, por onde corriam os cabos de alar. Uma vez no fundo, a arte assumiria a forma de um saco, no interior do qual o peixe seria capturado. As *sacadas* laboravam de noite e de dia, sendo empregues engodo ou fogachos de dois bicos para atrair o peixe.

Na década de 30 do século XX, Sesimbra possuiria mais de uma centena de “sacadas”, tipo de pesca que se extinguiu no ano de 1988, quando a última, propriedade de João Nero, cessou atividade.

Armadilhas: Covos, Gibos e Alcatruzes. A pesca do marisco e do “Ferrado”

A arte de pescar polvos, lulas e chocos, espécies designadas como “ferrado” pelo líquido negro contido nos seus órgãos vesiculares, e marisco, é uma das mais antigas praticadas pelos pescadores de Sesimbra.

É do século XIV que datam as primeiras referências à utilização de “covos”, armadilhas em formato de gaiola utilizadas para a captura de marisco e polvo. Inicialmente produzidos em madeira, são atualmente elaborados a partir de redes de plástico com armação em ferro. Até um passado recente, os “pegaços”, recipientes de barro posteriormente substituídos por latas lastradas com

pedra, e os “alcatruzes”, representavam as armadilhas mais recorrentes para a captura do polvo.

Relativamente aos chocos e às lulas, uma das técnicas mais usuais é a utilização do “radar” ou “gibo” e da “piteira” ou “toneira”. Consistindo em pequenas peças fusiformes de chumbo, com uma coroa de alfinetes na ponta, presos com o um fio de *nylon*, conhecidos como “pita”, e arrastados no fundo, sendo as capturas mais proveitosas entre os meses de outubro e fevereiro.

A Arte das Redes de Emalhar

As redes de emalhar apresentam um formato quadrangular e são assim designadas por serem concebidas com o objetivo de prender o peixe nas suas malhas colocadas verticalmente.

Em Portugal, este tipo de arte é anterior à nacionalidade, podendo as redes possuir um pano “rede de emalhar” ou três panos “tresmalho”, variando as espécies capturadas de acordo com o tipo de comprimento, altura e dimensão da malha utilizada.

Na vila de Sesimbra, esta técnica é usada com auxílio de aiolas, botes, barcos costeiros e barcas, realiza-se perto da costa a profundidades que podem ir das 15 às 100 braças, com particular incidência ao largo do Cabo Espichel. Esta arte, permite capturar espécies como a pescada, fanecas e besugos.

A Arte do Anzol: A Pesca do Aparelho, do Alto ou do Espinhel

O anzol é uma das mais antigas e tradicionais artes de pesca utilizadas no litoral português. Em Sesimbra, a sua existência foi, pela primeira vez, documentada há cerca de três mil anos, através da identificação de anzóis em bronze na cavidade natural da Lapa do Fumo.

Tendo evoluído da utilização de um fio com apenas um anzol, para a colocação de dezenas, centenas ou milhares numa mesma linha, em finais do século XV foi descoberto, na Galiza, o *espinel*, método que passou a permitir colocar todos os anzóis à mesma profundidade, ligados a uma linha mãe, a *madre*. Técnica rapidamente adotada pelos pescadores sesimbrenses, a partir do século XVII surgiu uma novidade que permitiu utilizar o *espinel* na pesca de fundo: o “palangre” (Figura 7).

Esta técnica, importada de França, foi

rapidamente aperfeiçoada pelas “barcas do alto”, as quais levariam para o mar milhares de anzóis iscados. Composto por um complexo sistema de bóias, pesos e talas, este “aparelho” de pesca, também designado como “caçada”, consiste na atual base da pesca de anzol sesimbrense, e visa, sobretudo, espécies como o goraz, a xaputa ou o peixe-espada preto.



Figura 7. Palangre, sala da Arte, Museu Marítimo de Sesimbra (CMS).

A Pesca do Peixe-Espada Branco

Secularmente pescado com recurso ao “palangre”, o peixe-espada branco foi, até há cerca de duas décadas, uma das espécies que maior desenvolvimento económico trouxe a Sesimbra.

Tradicionalmente capturado na costa pelas “barcas do alto”, na década de 60 do século XX, a sua progressiva escassez fez com que fosse pescado em pontos cada vez mais distantes, o que originou a aquisição de barcos de maior dimensão e tecnologicamente melhor apetrechados. Num momento inicial, as capturas eram efetuadas nos bancos localizados a 120 milhas a Oeste do Cabo de São Vicente, como o “Gorringe” ou o “Josefine”, e, posteriormente, nas águas dos Açores, Marrocos ou Canárias.

A eficiência demonstrada neste tipo de pesca, fez com que, durante décadas, o porto de Sesimbra tivesse ocupado, a nível nacional, o primeiro lugar no volume e valor de pescado transacionado, tendo os mestres da pesca artesanal longínqua recebido inúmeros prémios como reconhecimento pelo seu trabalho.

O fim do acordo de pescas entre a

Comunidade Europeia e Marrocos, ditou o fim das licenças de capturas de peixe-espada branco no Norte de África, o que originou, em 1999, o fim deste tipo de pesca na vila de Sesimbra.

A Pesca do Peixe-Espada Preto

Foi na década de 80 do século XX, que os armadores sesimbrenses iniciaram a captura de uma espécie, há muito conhecida nas nossas águas mas, até então, pouco valorizada.

Promovida por um pescador da Madeira, as capturas são efetuadas com recurso ao sistema do “palangre”, adaptado para colocar os anzóis a cerca de mil metros de profundidade. O comprimento das embarcações varia entre os 13 e os 22 m, possuindo uma “companha” de, aproximadamente, 16 homens. As saídas para o mar são efetuadas, regra geral, três dias por semana, mediante um sistema em que o aparelho é deixado no mar, a *caçar*, durante vinte e quatro horas, localizando a maior parte dos pesqueiros a cerca de catorze milhas a Oeste/Sudoeste do Cabo Espichel e na zona de Peniche.

A Pesca do Espadarte

Historicamente referenciada pela primeira vez em 1305, num documento da chancelaria de D. Diniz, a pesca do espadarte consiste numa das mais emblemáticas de Sesimbra (Figura 8), enquanto testemunho da capacidade de adaptação e inovação dos seus pescadores. Durante a Idade Média, os espécimes eram capturados não só com recurso a arpão, mas, também, pelas almadras, grandes armações fixas montadas ao longo da costa que alimentavam dezenas de famílias.

Tendo evoluído ao longo de séculos, a pesca do espadarte, tal como hoje a conhecemos, foi iniciada em meados da década de 90 do século XX, como resposta à proibição da faina do peixe-espada branco nas águas de Marrocos.

Efetuada com recurso a modernos aparelhos electrónicos e sistemas informáticos, a caçada, inspirada no *troll* americano, é composta por um cabo onde são fixados até 1150 anzóis, largados numa extensão de, aproximadamente, 110 quilómetros.

Cada viagem dura em média 23 dias,

localizando-se as áreas de faina maioritariamente entre Portugal continental, os Açores e as ilhas Canárias.



Figura 8. Módulo associado ao tema da pesca do espadarte, Museu marítimo de Sesimbra (CMS).

Conjugando saberes, tradições e conhecimentos milenares, aliados à mais recente tecnologia, a pesca do espadarte é hoje parte intrínseca do património cultural e identitário da comunidade sesimbrense, enquanto testemunho vivo da milenar audácia e sagacidade dos seus homens do mar.

A Arte do Cerco Americano

A arte do “cerco americano”, mais popularmente conhecida como “traineira”, foi introduzida em Sesimbra na década de 1940, num período contemporâneo do início do declínio das armações de copo à valenciana. Consistindo num método de pescar com rede móvel de cercar para bordo, encontra-se, sobretudo, destinado à captura de sardinha, carapau e cavala, envolvendo, na maior parte dos casos, três embarcações: a traineira, a enviada e o bote.

As redes são mantidas em posição vertical na água por intermédio de um complexo sistema de flutuadores e de pesos de chumbo fixos a um cabo, denominado retenida, o qual, manobrado a partir de bordo, permite fechar a rede por baixo. Uma vez lançada a rede ao mar, uma das pontas é presa pelo bote, movendo-se a traineira em círculo, por forma a envolver o cardume e a completar o cerco.

A companha de pesca é composta por cerca de dezena e meia de elementos, sendo, actualmente,

um dos tipos de arte que maior investimento tem sofrido por parte dos armadores sesimbrenses.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Decorrente do funcionamento desta nova estrutura museológica e perante os desafios colocados ao nível da respectiva gestão, o Museu Municipal de Sesimbra tem procurado estabelecer os critérios para uma autoavaliação, nomeadamente ao nível da análise das diferentes componentes das áreas funcionais ou disciplinares e da capacidade ordenadora e sintetizadora do campo temático que fundamenta o museu e respectiva relação com a envolvente natural e humana (Figura 9).

Desde a abertura (31 maio de 2016) até ao final do ano de 2017 o Museu Marítimo de Sesimbra recebeu um total de 12.154 visitantes. Se nos reportarmos exclusivamente ao ano de 2017, o número de visitantes foi de 5.805, e destes, cerca de 800 foram estrangeiros. Este número torna-se particularmente relevante se considerarmos que o total dos núcleos museológicos municipais registaram um total de 18.741 entradas (excluindo as visitas ao Castelo de Sesimbra e Centro de Interpretação Rafael Monteiro, também integrados na estrutura do Museu Municipal, com 197.824 e 11.357 visitantes respectivamente).



Figura 9. Visita ao Mercado Municipal. Iniciativa integrada no Serviço Educativo no âmbito das actividades programadas para o Museu Marítimo de Sesimbra (CMS).

No ano de 2017, após o primeiro ano de abertura ao público, a Câmara Municipal de Sesimbra candidatou o Museu Marítimo de Sesimbra aos prémios da Associação Portuguesa de Museologia, que acabou por ser distinguido em diversas categorias: Menção Honrosa (museu português do ano); Prémio Aplicação de Gestão e Multimédia; Prémio Serviço Extensão Cultural/Serviço Educativo⁷.

BIBLIOGRAFIA

- BERNARDO, H.B. 1941. *Monografia de Sesimbra. Estudo Geo-económico do concelho*. Sesimbra, Câmara Municipal de Sesimbra, p. 195 – 224.
- BRANDÃO, R. 1960. *Os Pescadores*. Estúdios Cor, p. 145 – 157.
- CARDOSO, J.L. 2009 – Espólios do povoado calcolítico fortificado de Outeiro Redondo (Sesimbra): As colheitas do arq. Gustavo Marques. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, **12**(1): 73 – 114.
- CHORÃO, M.J. 2001. *Forais de Sesimbra*. Memórias de um Concelho, Câmara Municipal de Sesimbra, Sesimbra, p. 9 – 31.
- CRUZ, M.A. 1966. *Pesca e Pescadores em Sesimbra*. Instituto de Alta Cultura, Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa, p. 79-90.

⁷ O serviço educativo do Museu Municipal de Sesimbra assumiu particular relevância na dinamização de programas e envolvimento de públicos (cerca de 3.041 participantes em actividades no Museu Marítimo em 2017) e, fundamentalmente, no trabalho contínuo de articulação do Museu Marítimo com os restantes núcleos museológicos e espaços de temática complementar.